



**novembro**  
2018

**VENTOS DE LESTE**

**DIA 3**  
(SÁBADO)  
18h30  
IPDJ



**SOL ENGANADOR**

**NIKITA MIKHALKOV, RÚSSIA / FRANÇA, 1994, 135', M/12**

Apresentado por Adriana Freire Nogueira

A ação de "Utomlyonnye Solntsen" decorre em 1936, numa época dramática, a da depuração estalinista dos velhos quadros revolucionários. A ameaça parece estar longe das personagens do filme, um casal que leva uma vida semi-idílica no campo, mas concretiza-se com a chegada de um antigo apaixonado da mulher, um "comissário político" que vem destruir a harmonia. Mais uma vez a sombra de Tchekov acompanha a obra de Mikhalkov, num dos seus melhores filmes. (Cinemateca Portuguesa)

**ANIMAÇÃO PARA TODOS**

**DIA 11**  
(DOMINGO)  
11h00  
IPDJ



**O PEQUENO VAMPIRO**

**RICHARD CLAUSS E KARSTEN KILLERICH**

**HOLANDA / ALEMANHA / DINAMARCA / REINO UNIDO, 2017, 83', M/6**

Baseado nas personagens dos romances best-seller de Angela Sommer-Bodenburg, "O Pequeno Vampiro" conta a história de Rudolph, um vampiro de 13 anos, cujo clã é ameaçado por um mítico caçador de vampiros. Tony, um humano da mesma idade, que é fascinado por castelos antigos, cemitérios e vampiros, ajuda Rudolph numa batalha contra os seus adversários, cheia de aventura e algumas dentadinhas! Juntos vão salvar a família de Rudolph e criar uma grande amizade. (Márcia Brilhante)

**DUPLAS: O AUTOR E A MUSA**

**DIA 11**  
(DOMINGO)  
15h00  
IPDJ



**O ANJO AZUL**

**JOSEPH VON STERNBERG, ALEMANHA, 1930, 106'**

Entradas: 4€ público / 1.50€ SPZS/FENPROF e Profes JCE / 1€ sócios  
Entrada gratuita para estudantes

Obra de transição dos anos vinte para os anos trinta, foi o filme que revelou Marlene Dietrich. A sua Lola-Lola entrou para a galeria dos mitos criados pelo cinema. Adaptado de um romance de Heinrich Mann, é a história da degradação de um professor apaixonado por uma cantora de cabaret. Primeiro filme da lendária ligação Sternberg-Marlene, cuja imagem é muito diferente daquela que foi criada por Hollywood, aqui mais crua, menos idealizada. (Cinemateca Portuguesa)



**Sede.**  
Rua Dr. Francisco de Sousa Vaz, n.º 28 A - 8000-327 Faro  
**Horário.**  
Segunda, Quarta e Sexta - 10h30 - 12h30 / 14h30 - 17h30  
**Telefone.** **E-mail.** **Blogue.**  
289 827 627 cineclubefaro@gmail.com cineclubefaro.blogspot.com  
**Preço Sessões.**  
Sócios CCF, Filhos e/ou Netos (Infantojuvenil) dos Sócios: 1,00€  
Estudantes: 3,00€ // Restante Público: 4,00€

**DIA 6**



**MARIPHASA**

**SANDRO AGUILAR, PORTUGAL, 2017, 86', M/14**

**SINOPSE**

Paulo trabalha como segurança noturno num desactivado complexo industrial. Perdeu a filha em circunstâncias dramáticas e nenhum arrependimento lhe serviria de consolo. Dorme em casa de Luísa e aí testemunha as repetidas transgressões de um vizinho instável. Tudo ameaça estalar.

A segunda longa de Sandro Aguilar é menos uma narrativa, mais um pesadelo emocional paredes-meias com o fantástico, uma história de gente sem saída contada de modo puramente sensorial. Assombroso, inesgotável filme. (...) "Mariphasa" não é um filme, é um estado de alma, negro, envolvente contudo inexplicável, abstracto e contudo sempre a intrigar-nos para o tentarmos resolver - assombroso no modo como a sua narrativa não se constrói mas na prática floresce exclusivamente a partir de fragmentos com ligações aparentemente ténues, extraordinário no modo como tudo é sugerido mais do que explicado, deixado ao espectador fazer as ligações que bem entender. Vimos "Mariphasa" três vezes, em todas elas a sua flor malsã abriu de formas diferentes, em todas elas vimos outro filme vendo o mesmo filme. "Mariphasa" não se esgota, nunca. São raros os filmes assim. (Jorge Mourinha)

**DIA 13**



**THELMA**

**JOACHIM TRIER, NORUEGA / FRANÇA / DINAMARCA / SUÉCIA, 2017, 116', M/16**

(...) Ficámos abanados quando descobrimos a segunda longa de Joachim Trier, o devastador "Oslo, 31 de Agosto", ainda hoje um dos grandes filmes do século XXI. (...) O centro de "Thelma" é a adolescente que lhe dá título - uma miúda normalíssima, algo solitária, metida consigo mesma, sem grandes experiências emocionais que veio da província estudar para uma cidade grande. Nada de original não se desse o caso da miúda ser religiosa e dos pais parecerem ter um ascendente bastante grande sobre ela. Com o tempo - que Trier continua a saber gerir admiravelmente - perceberemos o porquê da super-protecção: Thelma tem poderes que desconhece e não compreende, que surgem sempre que ela cede às emoções, se deixa levar pelos seus desejos, em suma, que vêm da sua transformação de menina em mulher. É isso que Trier desenha, de modo calculadamente preciso, ao longo das duas horas de "Thelma": o descobrir da sexualidade, a procura de uma identidade própria, a tensão entre família e personalidade, comunidade e individualismo, numa idade em que tudo é vivido com uma intensidade devastadora. (...) (Jorge Mourinha)

**DIA 20**

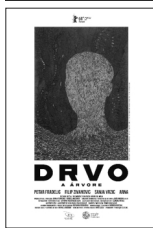


**MILLA**

**VALÉRIE MASSADIAN, FRANÇA / PORTUGAL, 2017, 128', M/12**

Um filme naturalista, de uma humanidade comovente, que nos fala da grande aventura do amor e da maternidade na juventude. Tal como os irmãos Dardenne e Ursula Meier (em "Irmã"), Valérie Massadian encontra o substrato do seu filme na classe baixa e trabalhadora da Europa desenvolvida. Não o faz em torno de imigrantes ou de comunidades étnicas socialmente discriminadas, na denúncia de uma espécie de "negligência xenófoba" de Estado, mas antes entre os próprios nacionais, loiros, brancos, dando um retrato abrangente de uma pobreza que subsiste independentemente dos fluxos migratórios. "Milla", como "Rosetta" ou "Irmã", conta uma história totalmente europeia, sem discurso racial ou margem de fluxos migratórios, sendo apenas um reflexo de uma assimetria social ancestral e avassaladora, que a tão desenvolvida Europa está longe de erradicar. "Milla" começa por levar-nos numa maravilhosa aventura juvenil. A primeira parte do filme é um hino ao amor e à liberdade. Milla e Leo partem para a vida, com uma criança por nascer, com uma irresponsabilidade sonhadora própria de quem é jovem. É como se Bonnie e Clyde, em vez de assaltarem bancos, fugissem para ter um filho, o que se revela uma experiência tanto ou mais radical. (...) (Manuel Halpern)

**DIA 27**



**A ÁRVORE**

**ANDRÉ GIL MATA, PORTUGAL / BÓSNIA HERZEGOVINA, 2018, 104', M/12**

(...) "A Árvore", de André Gil Mata, é um filme sobre a improbabilidade da comunicação, em tempos extremos, em plena Guerra da Bósnia, tão recente e tão próxima, e ao mesmo tempo tão longínqua. E tudo o resto é paisagem, neve, silêncios, ruídos distantes. Mas no final, na desumanização da paisagem, sobra uma ideia de gente, uma réstia de esperança humana. Para a sua primeira longa-metragem, André Gil Mata foi buscar inspiração a fontes distantes. Não só realizou um filme bósnio - na história, nos atores, no ambiente, no idioma - mas também se reviu em grandes mestres do cinema da Europa Central e de Leste. Parecem mais do que evidentes as influências de Béla Tarr, referência maior do cinema húngaro. Basta observarmos a primeira cena, a forma cuidadosa como é montada. Como a câmara vai abrindo o ângulo na descoberta do espaço, num *traveling* lentíssimo e irreprensível, onde contam todos os sons, apesar de não haver palavras. Encontramos, também, o sentido pictórico do russo Alexandr Sokurov, na forma como Gil Mata filma a paisagem e trabalha os enquadramentos, como se de quadros se tratasse. Um filme-moldura. (...) (Manuel Halpern)

**APOIOS**



**COLABORAÇÕES**

